



IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL

Tradição: Huiracocha

Patriarca: Tonapa

ANO V - Nº. 50

Arcanjo da Estação Outono: Miguel

Maio 2007

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.

Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

Raciocinemos

Certamente, não tem passado despercebido o propósito, a insistência, a pertinência, mesmo, com que, ultimamente, algumas publicações espiritualistas tentam denunciar que tal ou qual instituição viola transgredir princípios básicos e doutrinário, pelo fato de estabelecer quotas ou pagamentos, cobrar, em suma dinheiro, exclusivamente empregado, na aquisição de material, por correspondência, aos seus associados.

No intuito de justificar, os arautos dessas proclamações evocam as santas palavras de Jesus quando ensinava aos apóstolos: "Daí de graça o que de graça recebestes".

A sentença, atribuída ao Grande Iniciado de Nazaré na intenção em que foi articulada, como é claro e lógico, está integralmente certa, mas, a sua aplicação ao caso em apreço, não, portanto, absolutamente errada.

O divino Mestre transmitia de viva voz, aos seus doze discípulos os luminosos conceitos que a intuição lhe permitia. Esses discípulos, segundo os evangelhos, estavam, sempre, a seu lado e gozavam o excelso privilégio de receber, diretamente, de seus lábios a palavra

sagrada. Além disto, ninguém ignora que o fato alegado passou-se há dois mil anos ou por outros termos, ontem, o Messias falava a doze apóstolos, somente, e hoje os Mestres se dirigem por correspondências, a milhares de interessados esparsos pelas cinco partes do mundo.

Só milionários, na posse real de recursos inesgotáveis, poderiam chamar a si a execução de tão extraordinária empreitada.

Sejamos razoáveis e, sobretudo, criteriosos.

Ninguém pode exigir que os seus semelhantes sejam milionários e ponham a sua fortuna a disposição dos outros.

Não há código ou constituição, por mais liberal e democrático, que assim estabeleça ou determine.

Adotado, de um modo geral e absoluto, o critério da sentença que manda dar de graça o que de graça recebemos, tudo teria de ser feito, gratuitamente, neste mundo, porque, tudo, absolutamente tudo, que nos é dado realizar, deriva do pensamento e, pelo menos o pensamento próprio não custa dinheiro, nos é dado de graça.

O médico, o engenheiro, o advogado, o professor, o sacerdote, o funcionário, o operário, que nada faz sem o pensamento, não teriam o direito, aliás reconhecido pela própria lei, de cobrar qualquer pagamento dos respectivos servi-

ços, por mais relevantes e incontestáveis.

Se esses técnicos, profissionais ou serventuários gozam da faculdade legal de receber o pagamento dos seus serviços, não podem constituir exceção os que, para a confecção dessas instruções ou ensinamentos, além do esforço individual, físico e psíquico, mantêm escritório, pagam vários auxiliares, compram todo o material indispensável e pagam o porte exigido pelo correio, afim de transportá-los a milhares de destinatários, por todo o planeta.

Encaremos os fatos como são, realmente, e não através de fanatismos e superstições.

O que devemos exigir é que essas instruções ou ensinamentos sejam, de fato, autênticos, idôneos e, sobretudo, nos proporcionem os benefícios prometidos e desejados.

Nada mais justo do que o protesto do indivíduo que pagou ao médico, ao engenheiro e ao advogado e não logrou a cura da moléstia, que o afligia, a construção da casa encomendada ou a vitória da causa, em que estava empenhada.

Ainda há bem pouco tempo, tivemos notícia de que uma instituição Rosa-Cruz, no país, foi forçada a suspender a publicação do seu órgão oficial, por falta de recursos financeiros, privando os seus leitores das luzes que irradiava.

É mais racional, mais humano, estabelecer normas claras, precisas, bem orientadas e, sobre tudo, honestas, para a manutenção da vida das organizações do que implorar, constantemente, a caridade dos prosélitos.

Não podemos, por mais espiritualizados, fugir às exigências da época e, sobretudo, às condições do meio, em que vivemos.

No mundo das três dimensões, o meio termo, o equilíbrio, é a grande lei que

regula os nossos atos mais insignificantes.

Dele depende a harmonia do universo e do organismo humano.

Thurizar R + - gnose julho 1937

Não Matarás

A sombra do grande Instrutor desenhou-se sobre a terra.
O Mestre encaminhou seus passos fora da povoação. Achou-se nos campos devastados do Marne onde se travou a terrível batalha no princípio da guerra.

Franceses e alemães haviam lutado com sanha feroz. O solo estava semeado materialmente de cadáveres e ensopado em sangue quente e roxo.

Poder-se-ia dizer que toda aquela região era um vasto cemitério povoado de cruzeiros e de despojos guerreiros.

Por ali andou o Instrutor dos Anjos e dos Homens ! ...

Pisava distraído, só os seus olhares nos montões de terra rematados por cruzeiros toscas, feitas com ramos delgados, que estendiam seus braços enegrecidos, retorcidos, com o trágico gesto de quem implora uma misericórdia que nunca chega.

E quantas tumbas ali estavam !

Eram aqueles campos da morte tetricos, sombrios sem a serena tristeza dos campos santos bem cuidados, cheios de verdor e de flores, que convidam à meditação tranqüila sobre o mais além da sensação de que a morte é o termo natural de uma vida individual e o umbral temeroso do mistério para aqueles que, não iniciados na ciência dos Budas, perambulam por uma vida obscura, riscada de paixões e amortilhada também nas doloridas tardes sem poentes da tristeza ...

Ali, naqueles campos sem vegetação, de solo negro e desigual, povoados de túmulos misérrimos, tinha-se a visão trágica da morte dolorosa, da morte cruel que trunca violentamente a existência de seres jovens e fortes, cheios de ilusão e de esperanças que não se realizam porque vão para a sepultura arrebatados pelo aço das balas e das granadas que passam zumbindo e cortando a vida como uma segadeira rápida e inexorável.

E que morte a desses mancebos que vestiram a farda para morrer ! ...

Sós, abandonados, longe dos seus, da carícia da esposa, do balbucio do filhinho, da bênção dos velhos pais, vendo seus membros triturados, consumidos pela febre, arrancados pelo ferro, sentindo a angustia de uma sede abrasadora, clamando em vão por um pouco de água, esperando horas e dias um auxílio que não chega ...

E assim morreram milhares e milhares de franceses, de belgas, de alemães, torturado o coração, a maldição nos lábios, e nos olhos a visão longínqua da família abandonada sobre a qual pesa assombro de um destino de miséria e de dor.

Os restos mortais daqueles homens sacrificados nas asas de um patriotismo, anticristão encobridor de ambições, estavam ali apodrecendo debaixo do solo desolado.

Cada um deles deixará uma câmara mortuária no fundo de um coração viúvo de esposa, na alma desesperada de mãe, na saudade da noiva que trocou a esperança do seu botão de laranjeira pelo crepe da virgem, que assistiu à trucidação do seu primeiro amor ...

A dor que havia começado na agonia do que tombava no campo da batalha, eternizava-se na vida dos seres que ficavam órfãos da imagem humana do sacrificio, que não pode escapar às descargas e à fuzilaria ...

Dor ! Eterna dor ! Apenas para sofrer vinha o homem ao mundo ?

Jesus, que conhecia a inesgotável bondade e a infinita sabedoria do Pai Universal, meditava sobre a dor nos múltiplos aspectos do Carma executor.

A dor era um obstáculo, que o homem teria de vencer no caminho escabroso da perfeição.

O obstáculo da animalidade, da ignorância, do fanatismo e dos preconceitos. O obstáculo de uma organização defeituosa na superfície da mônada incorruptível e santa, isto é, a resultante dos crimes, dos vícios e dos baixos instintos. Em vez de vencer esse obstáculo, o homem parecia comprazer-se em aumentá-lo, querendo convencer-se de que, por Lei Natural, ou de Deus, não poderia ir mais além.

Como se Deus, que é um todo infinito em toda Natureza, que é eterna, pudesse fixar-se um limite a si mesmo! As humanas criatu-

ras eram partículas infinitesimais da Divindade, iguais sempre em sua essência, porém variáveis em suas formas, e a missão dos seres, na terra, era seguir o caminho espiritual que, partindo do imperfeito, se eleva ao perfeito.

Duas figuras interessantes interrompem a meditação do grande Mestre.

Uma anciã e uma menina, ambas de luto que, mãos dadas caminhavam penosamente, fixando os seus olhares, tristes e incertos, nas incontáveis tumbas daquele campo da morte. O Mestre lhes saiu ao encontro.

- Que buscais ? perguntou-lhe docemente .

Busco, inutilmente, Senhor, e sem embargo, não me canso de buscar, disse a anciã.

- Um filho, quicá ...

Sim, meu filho, meu único filho, meu filho querido! Que era o meu único

sustentáculo e o desta netinha minha, hoje órfã e sem amparo.

- Morreu ?

- Aqui mataram-no os alemães, e aqui deve estar enterrado... porém, onde Senhor ... Busquei por todos os lados, mas por toda parte vejo as mesmas tumbas, os mesmos montões de terra, cruzes idênticas, sem encontrar um sinal revelador.

A Senhor, se soubésseis a mágoa que isto me causa !

Se eu pudesse saber o lugar onde ele se acha, parece-me que encontraria um consolo à minha dor, orando ante a sua tumba, cobrindo-a de flores e regando-a com as minhas lágrimas! A maldita guerra! Arrebatou-me em vida, e já morto nega-me a consolação de saber onde está seu corpo?

- Porque deixastes que o vosso filho fosse para a guerra ?

- Que fazer, Senhor, que fazer? Era forçoso que partisse. O governo o ordenava.

- Quem lhe deu a vida, o governo ou vós ?

- Ainda que eu me houvesse oposto, ele teria partido ! A pátria o reclamava, e quando o filho é já homem, a pátria pode mais que a mãe ...

- Para que, então, ó mãe iludida e dolorosa, a dor do parto, os cuidados do aleitamento, os trabalhos da formação do filho, se quando este chega a ser homem, aquela que

mãe deixa que uma madrasta o arrebate, e em seu proveito, o sacrifique ?

- Que fazer ?

- Não proibir que ele peque na carabina para defender o território da pátria e as aras da Liberdade e da Justiça. Esse é o dever, não de um homem, mas de um povo, sem distinção, da esposa, da mãe e das virgens delicadas. Não deixar a brutalidade vencer e tripudiar sobre o peito do Direito e da Inocência, mas defender os filhos inspirando-lhes, desde pequeninos, o horror ao mal, ao sangue e a devastação. Educando-os neste austero e rigoroso princípio: NÃO MATARÁS, AMARÁS AO TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO !

Quando cada lar for uma escola, não do amor falso, porém do verdadeiro amor; quando cada mãe e cada pai ensinarem aos filhos o respeito a vida; quando os matadouros não fornecerem mais cadáveres de seres que também são filhos de Deus; quando as balas, as flechas, as armadilhas, não romperem o laço mágnetico da existência das aves que enchem os bosques e os vales com as sinfonias de seus cânticos, para que suas plumagens enfeitem a vaidade de uma carne que há de também apodrecer na terra; quando a doutrina dos séculos, que é a doutrina do Pai, for de fato descoberta do limbo das religiões relapsas e falsificadas; quando o culto de Baal for substituído pelo culto de Jesus; quando o homem amar a vida em todas as suas manifestações e respeitá-la, vendo em cada ser o ho-

mem do futuro, então as mulheres aflitas, os órfãos abandonados, não vagarão mais pelos campos da guerra à procura de uma sepultura ignorada para chorar, gemendo sobre ela ! ...

Vós me assombrais, Senhor; mas, ainda que o tivesse defendido, Termo-iam arrebatado. O amor de uma mãe é muito grande, mas mui escassa a sua força ...

Entretanto, é das mães que dependerá a tranqüilidade do futuro.

Se todas as mães educassem os seus filhos na escola da resistência ao mal, seria incontrastável a força da Paz, sonhos esquecidos, as dinastias escravizadoras, e uma realidade o intercâmbio dos bens humanos dentro de uma pátria sem fronteiras que se chamaria - FRATERNIDADE.

Quem sabe, Senhor; porém é inútil já, para mim pensar nisto.

Quisera, apenas, saber onde ele se acha para ajoelhar-me, beijar a terra que o cobre e orar por ele.

A anciã olhou angustiada em derredor. A planície pardacenta, cheia de montões uniformes e de toscas cruzes, apenas iluminada pela luz difusa crepuscular, apresentava um aspecto sinistro e impressionante. A criança abraçou-se às pernas da anciã e disse chorando;

Avozinha, tenho medo, muito medo, vamo-nos daqui ...

**Transcrito da Revista Ísis
Gnose agosto 1937**